



POSIÇÃO PÚBLICA
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS SOBRE AS MULHERES (APEM)
FACE AOS IMPACTOS DA PANDEMIA POR COVID-19

Sendo a **Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM)**, uma associação destinada ao estudo e investigação no âmbito dos estudos de género/feministas/das mulheres, não podíamos deixar de destacar os impactos que a crise pandémica COVID-19 tem produzido junto da comunidade científica e académica.

Denunciamos publicamente os retrocessos verificados na produção e acesso a dados estatísticos e informações desagregados por sexo sobre a situação em Portugal. Sem estes a comunidade científica e académica vê-se limitada nas suas análises e propostas de medidas que estes dados permitirão sustentar. A nível mais geral, recorde-se ainda que os media têm também a responsabilidade de garantir que na cobertura jornalística que influencia as respostas políticas sejam incluídas as vozes que representam diversas perspetivas. A organização “Women in Global Health” destaca que em cada quatro pessoas citadas na cobertura mediática do surto de COVID-19, apenas uma é mulher.

Parece-nos importante olhar para quem produz ciência no nosso país e para as condições de que, hoje, dispõe em face das dificuldades específicas que a situação de quarentena veio implicar:

- **Condições de trabalho.** A interrupção de projetos sem possibilidade de serem prosseguidos a partir das residências pessoais, dada a impossibilidade da recolha de dados (no terreno) e as dificuldades acrescidas para manter o “normal” funcionamento em regime de teletrabalho (ignorando as condições sociais e os desafios emocionais inerentes a esta pandemia).
- **Carreira.** O aumento da precariedade e incerteza associadas à carreira de investigação – sobretudo para investigadoras mais jovens que constituem a maioria – com a interrupção de contratos e a suspensão de avaliações de desempenho.

Relembramos, ainda, que este enquadramento veio agravar condições desiguais preexistentes na nossa sociedade, como, por exemplo, as dificuldades e assimetrias na investigação (e.g. área da saúde) ou as dificuldades de conciliação das responsabilidades parentais com as laborais (conciliação família-trabalho), acumulando situações que as colocam em maior risco de exaustão (*burnout*).

A **Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM)** considera ainda importante, enquanto associação dedicada a estudar as condições sociais e as assimetrias de género, sistematizar alguns aspetos que impactam particularmente às mulheres – cientistas, académicas, investigadoras, professoras – neste tempo de pandemia.

Destacamos, assim que:

- As mulheres são a maioria das trabalhadoras e investigadoras na área da saúde, enfrentando um acrescido risco de infeção pelo vírus;
- As mulheres acumularam, com o encerramento das creches, escolas e estabelecimentos de ensino, as tarefas de cuidado dos seus descendentes, incluindo o acompanhamento dos deveres escolares. Este apoio pode ser bastante variado dependendo da(s) idade(s) das crianças e a necessidade de maior proximidade na interação e é, maioritariamente, assegurado pelas mulheres, tal como o mostram as respostas ao inquérito do Observatório



das Políticas de Educação do Centro de Estudos Sociais (dentre 453 respondentes, 77,5% declarou contar com a ajuda da mãe no “#estudoemcasa”);

- A visão social das mulheres como principais cuidadoras alimenta a expectativa de que sejam elas a acumular também o cuidado com os ascendentes familiares em confinamento por serem um dos principais grupos de risco;
- As mulheres são, na grande maioria das famílias, as principais responsáveis por todas as tarefas implicadas nos cuidados domésticos e alimentação familiar (incluindo deslocações para aquisição de bens alimentares);
- Em famílias monoparentais, maioritariamente femininas, aumenta a dificuldade de conciliação das prioridades laborais e económicas com as do cuidado familiar;
- Em situações de isolamento social e quarentena, as questões de violência sofrem uma alteração significativa nos seus padrões usuais podendo resultar em vários desfechos difíceis de antecipar pelas autoridades, sendo necessário reforçar e inovar nos mecanismos de proteção.

Apesar de salientarmos estes pontos, não podemos deixar de fazer notar a importância de dar atenção aos múltiplos cruzamentos entre as diferentes esferas de vida e sobretudo aos pontos cegos que poderão persistir.

Assim, reforçamos a necessidade de aligeiramento das condições de acesso a prestações sociais (e.g. subsídios de desemprego; abonos de família; etc.) e adoção de um rendimento básico de sobrevivência capaz de assegurar uma vida digna a quem perdeu os seus rendimentos.

Nomeadamente, destacamos algumas medidas que têm vindo a ser apontadas como essenciais:

- A disponibilização de dados desagregados por sexo e outras variáveis relevantes (e.g. Idade, nível socioeconómico...).
- Inclusão de uma perspetiva de género no estabelecimento de medidas económicas e financeiras de recuperação da atividade.
- Transversalização de uma consciência das desigualdades sociais em função do género, que serão certamente mais visibilizadas quando adotada uma perspetiva interseccional.
- Destacar a importância de manter a igualdade de género na agenda dos nossos locais de trabalho e nas nossas organizações, bem como na preparação de respostas das políticas públicas às crises.
- Desafiar a forma como partilhamos o impacto do cuidado infantil e do trabalho doméstico, bem como as cargas psicológicas da crise no ambiente familiar.
- Desenvolver as nossas lideranças para que se tornem mais sensíveis, adaptáveis e criativas, aproveitando o talento de toda a população para usar novos métodos e práticas que saibam ir além da resolução mais imediata e precária das situações com que fomos confrontadas.
- Criar medidas que permitam o desenvolvimento de empatia, compreensão, confiança e solidariedade entre chefias e colegas, de modo a podermos entender e responder melhor às diferentes necessidades das pessoas que se encontram imediatamente à nossa volta.

Em última análise, não podemos adotar abordagens neutras ou cegas às assimetrias de género, em especial em situações de crise que agravam enormemente as dificuldades de ter uma vida digna.

Coimbra, 23 de abril de 2020

A direção da APEM